

REUNIÃO NACIONAL DE CULTURA

- Dança

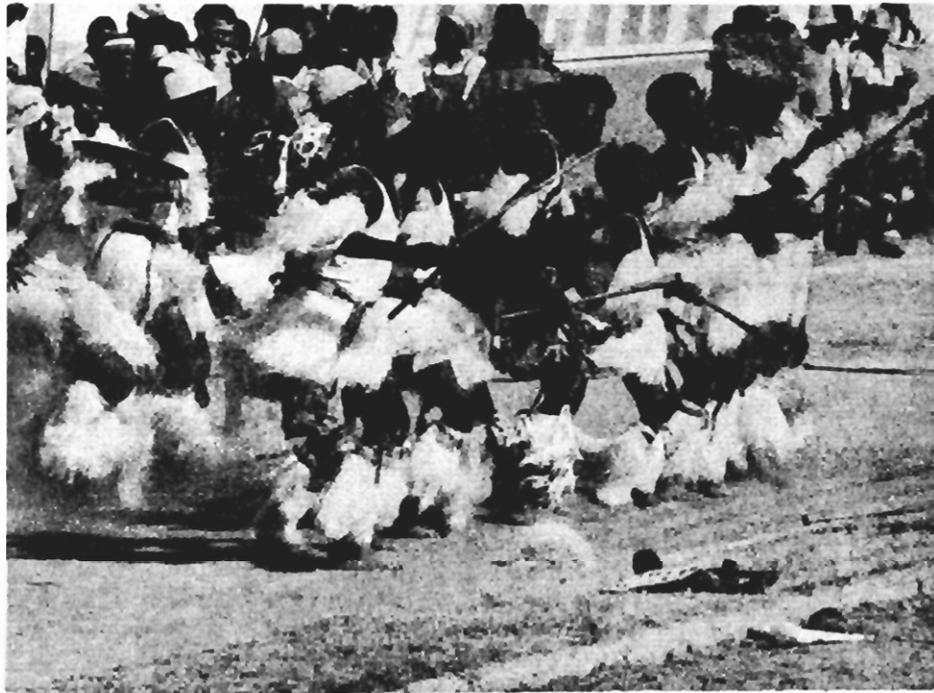
Na Reunião Nacional de Cultura o tema «Dança» constou de uma palestra e de um debate, realizado imediatamente a seguir.

A palestra foi dividida em duas partes. Na primeira falou-se na dança moçambicana, na segunda na dança em África.

O que caracterizou essencialmente a primeira foi sua superficialidade falta de investigação e aprofundamento sua pobreza, enquanto contributo para enriquecimento do debate, e dos conhecimentos dos próprios participantes.

Os aspectos aí salientados—que eram, estamos convencidos, todos já bem conhecidos de todos e qualquer dos participantes — foram que:

- a dança era uma das principais expressões culturais do povo moçambicano;
- que antes da colonização a dança servia para caracterizar e reflectia a dependência que o homem sentia em relação a «forças sobrenaturais». Que, baseadas nas situações quotidianas haviam, além dessas, danças de alegria, de tristeza e de carácter guerreiro;
- que com a vinda dos estrangeiros primeiro os árabes e depois os colonialistas portugueses — as danças, enquanto expressões culturais, sofrem influências. Que entre essas influências eram de salientar a influência religiosa, e a alienação no modo de encarar a nossa Cultura como uma «Cultura inferior» e a parte pior da «cultura estrangeira» como «cultura modelo»
- que com a criação da FRELIMO há o duplo processo de amalgama e purificação das diversas culturas regionais e de introdução de novos valores, de que resulta o embrião da nova cultura moçambicana;
- que hoje a dança, ainda enquanto expressão cultural,



deve ter novo conteúdo, baseado na nossa realidade política;

- e que na dança «os aspectos em que ainda tivemos menos sucessos» eram: «a falta de organização, falta de uniformização de gestos e a falta de introdução de coreografia».

Um pormenor interessante (esse rico) foi a descrição do processo de integração das diversas danças regionais quando da criação da FRELIMO, processo esse que conduziu a que de regionais essas danças passassem a ser património de todo o povo moçambicano. Foi aí salientada a resistência dos primeiros militantes a que todos pudessem dançar e cantar as músicas que não fossem de sua região. Quando se dançava uma dança de uma determinada região, os militantes dessa região não consentiam que os originários de outras regiões dançassem. Foi salientado o espírito de rivalidade e competição daí adveniente. Esse espírito era levado à prática — os militantes de cada uma das regiões rivalizavam e competiam com os das outras regiões quando dançavam.

Foi salientado como os responsáveis não intervieram na primeira

fase desse processo com qualquer atitude repressiva. Aplaudiam quando dançavam uns, aplaudiam quando dançavam outros, aplaudiam quando cantavam canções com letras ocas de conteúdo. Foi aí explicado por um responsável que o objectivo naquela fase era encorajar os camaradas a cantar e dançar, como forma de se afirmarem como moçambicanos.

Foi explicado como naturalmente, através do processo de educação política e da prática da vida colectiva, da luta lado a lado, os próprios combatentes foram se apercebendo do conteúdo das músicas que cantavam, nas suas novas músicas foram abandonando seus valores e concepções velhos, foram os novos valores correspondentes à sua nova vida e às suas novas concepções. Foram apropriando aos originários de cada uma das regiões do país suas danças, fazendo delas danças de todos...

No debate que se seguiu à palestra foi concluído que numa fase de transição (como a que vivemos) é mais fácil a evolução do conteúdo (da dança como de qualquer expressão cultural) do que a forma, e foram preconizados alguns caminhos para a resolução dessa contradição.



Embora a síntese do debate apresentada na sessão de encerramento não tenha sido aprovada, a sua parte final correspondia às conclusões obtidas nesses sentidos. Dizia textualmente:

«Uma das vitórias da independência nacional é que há um nítido progresso no campo do intercâmbio e unidade cultural.

Hoje as danças das várias regiões do nosso País são dançadas em todas as províncias do Rovuma ao Maputo. Nota-se também uma quebra de certos conceitos quando a mulher aparece a dan-

çar Makwaela e o homem o Xingomana. Mas muito ainda há por fazer:

- recenseamento de todo o tipo de danças existentes no país;
- organização da própria dança;
- introdução de novas formas coreográficas e recuperação de certos valores positivos das danças tradicionais.

Para isso:

- 1.º — Duma forma organizada deverá ser feito um estudo sobre a

história, origem e características de cada uma das danças, a partir da recolha do património cultural;

- 2.º — A partir de contactos com as populações incentivar o ensinamento por parte dos mais velhos das danças para que possam ser transmitidas de uma forma organizada, de geração em geração;

- 3.º — Criar condições para que haja uma troca de experiências entre os vários sectores de actividade nas cidades e no campo, promovendo o intercâmbio cultural a todos os níveis;

- 4.º — Como tarefa fundamental temos de acelerar o processo de formação de dinamizadores e animadores culturais;»

A DANÇA EM AFRICA

A segunda parte da palestra referente à dança debruçou-se, como dissemos, sobre a dança em África. Porque era um texto mais cuidado no aspecto de investigação publicamo-lo a seguir.

Fazêmo-lo no entanto acompanhar de algumas observações pré-

vias em relação a aspectos que nos parecem não suficientemente explícitos.

Primeiro é o modo como é exacerbada, desenvolvida, a preocupação de «regresso às origens». Por várias vezes no texto é referida a «autenticidade africana», «o regresso às origens salutares». Aparecem no texto frases como «as massas, que não receberam instrução europeia — há males que vêm por bem — conservam-se africanas» ou, noutro passo «os nossos nada têm a cobiçar»...

Frases como estas, pelos conceitos errados e confusionistas que encerram, conduzem a interpretações não correctas do que o que se pretende dizer com «autenticidade africana» e «regresso às origens» (que são eles mesmo por si demasiado ambíguos).

O modo como são apresentadas e exacerbadas essas concep-

ções conduz depois naturalmente ao gerar de contradições difíceis de resolver quando o autor pretende afirmar que simultaneamente a esse regresso às origens é necessário «o desenvolvimento da nossa cultura» e é necessária «uma abertura ao mundo».

Essa confusão é agravada como gasolina na fogueira quando o autor preconiza como solução para essa necessidade de desenvolvimento, e dentro do âmbito da abertura ao mundo, devemos recuperar a dança comercial, pois que — segundo diz — que ao introduzir-lhe conteúdo africano a transformaremos num factor de mobilização e de difusão ideológica. Nem sequer os perigos do reverso da medalha — de que os novos valores sejam, eles sim, recuperados pela «dança comercial», são no entanto (e como deveriam ser) considerados.

Um outro conceito errado difundido no texto é que, diz textualmente o texto «o africano que livremente e espontaneamente participa na dança popular, pode considerar-se como descolonizado, desembaraçado das sequelas da alienação mental de que foi vítima pelo colonialismo». Era bom. Com um movimento de dança resolveríamos o nosso principal problema... Mas, é bem evidente que a realidade não é essa.

Porque no entanto conceitos como o para o qual alertamos acima referente ao «regresso às origens» necessitam para ficarem bem claros maior desenvolvimento, procuraremos fazê-lo após a publicação desta série de trabalhos sobre a Reunião Nacional de Cultura.

PALESTRA SOBRE DANÇA TRADICIONAL E MODERNA

I — A DANÇA EM ÁFRICA

A dança é uma actividade própria de todas as sociedades humanas, de todos os Povos, quer sejam Brancos, Negros, Amarelos, ou Vermelhos, etc. Todos os Povos dançam. Todavia a África é considerada como o Continente da dança.

A criança africana vem ao mundo numa atmosfera de canto e dança. Desde o seu nascimento ela entra num ambiente de música e de ritmo. Ela aprende a dançar ao mesmo tempo que aprende a andar e a falar. As mães reunidas em círculo batem as mãos cantam para fazer dançar os seus filhinhos. Os mais crescidos encontram-se à noite, ao luar, no centro da aldeia, à volta do tam-tam.

Os africanos em geral tem um senso inato do ritmo, e os seus gestos rítmicos apresentam na maioria uma admirável harmonia.

Os africanos possuem pois todas as aptidões para desenvolver e dar a conhecer e fazer admirar a sua arte coreográfica.

Na África libertada do jugo colonial, não é senão uma questão de opção política e de organização, para que a dança desempenhe plenamente o seu papel social e contribua para a emancipação total dos Povos Africanos.

PAPEL SOCIAL DA DANÇA EM AFRICA

«Na África, as danças, como as músicas, exprimem a realidade de psico-social do momento» — disse Sekou Touré Chefe de Estado da Guiné.

Com efeito a dança faz parte integrante da vida social Africana. Ela ocupa um lugar importante em todas as actividades humanas, colectivas e familiares: Cerimónias religiosas, actividades produtivas, nascimentos, iniciações, casamentos, etc.

Traduz a alegria ou a dor.

RESISTÊNCIA À AGRESSÃO CULTURAL

A colonização da África, pela Europa, não foi só uma agressão política e económica, mas também uma agressão social e cultural. Ela provocou a ruína total do modo de vida do homem Africano, perturbando o seu equilíbrio social.

O colonialismo pretendia negar todo o valor cultural aos países que conquistava e conduzir assim os seus habitantes a adoptar o seu modo de vida. Daí a política de alienação mental, de despersonalização do colonizado. É assim que homens pertencendo a um mesmo Povo se encontraram, depois da divisão do «Bolo Africano», em 1885, como franceses, portugueses, outros ingleses, espanhóis, holandeses, etc.

As criações duma mesma tribo, duma mesma família, tornaram-se, assim, estrangeiras umas em relação a outras.

A escola colonial ignorou e desprezou os valores culturais africanos. Ela obstinou-se a formar falsos ingleses, falsos portugueses, falsos franceses, etc. Cultivava entre os jovens africanos o complexo de inferioridade, procurando conduzi-los a negar a sua cultura, a sua civilização, para fazer deles «assimilados» à «civilização» do mestre.

É no domínio da dança que mais se manifesta o efeito desta despersonalização do Africano («letrado»). Com efeito, quantos destes Africanos, no tempo colonial e ainda hoje, porque frequentaram a Escola Inglesa, Francesa ou Portuguesa, manifestam desprezo em relação às nossas danças, declarando com «orgulho» que não sabem dançar, nem cantar a música do seu País. Em contrapartida são ases do Tango, dos Slows, do Chacha-chacha, da Música Pop.

Esses homens constituem a pesada herança que o colonizador, legou aos Estados Africanos, que agora é preciso recuperar, reeducar e reintegrar na sociedade africana.

Felizmente que esses constituem uma fraca minoria, tendo a maioria autenticamente africana, pois sabido resistir à alienação cultural.

As massas populares dos nossos campos que não receberam instrução europeia (há males que vêm por bem...) conservaram-se africanos.

Certos intelectuais e «letrados» africanos souberam a tempo fazer um regresso às origens salutares.

REABILITAÇÃO E VALORIZAÇÃO DAS DANÇAS AFRICANAS

De todas as artes populares, a dança é certamente a mais desenvolvida em África, com a música. Porque quem diz dança, diz música: sendo esta o suporte indispensável daquela.

A missão da nossa geração e das gerações do futuro é a reabilitação, a valorização da nossa cultura nacional — o regresso às origens, de todos os Africanos extraviados — e a abertura ao mundo.

Os nossos cantos e danças não têm nada a cobiçar de outros, muito ao contrário! Será preciso relembrar aqui a influência que a música Africana tem no Mundo contemporâneo?

Temos, pois, a missão de dar às nossas danças novas dimensões. Fazer com que as nossas danças, todas as nossas danças, saiam das povoações, desenvolvendo-as, difundindo-as para além das nossas fronteiras, para além da África, para que atravessando os oceanos e as montanhas, os nossos tam-tans e os nossos cantos, transmitam ao Mundo inteiro, a todos os Povos amantes da Paz, a nossa mensagem de fraternidade e de solidariedade humanas.

II — AS DANÇAS AFRICANAS DO FOLCLORE AO BALLET

1.º O FOLCLORE

«O seu a seu dono», Começamos a apresentação das danças pelo folclore. Porque em África quem diz dança diz folclore. É importante conhecer o que é o folclore.



«A criança africana vem ao mundo numa atmosfera de canto e dança. Desde o seu nascimento ela entra num ambiente de música e ritmo. Ela aprende a dançar ao mesmo tempo que aprende a andar e falar».

Folclore é uma palavra composta de orige anglo-saxão que significa literalmente:

Folk = povo, lore = ciência
donde, folclore = ciência do Povo

Compreendemos por folclore o conjunto de tradição e costumes populares. É o carácter tradicional dum Povo — tradições, cerimónias, manifestações populares, cantos, danças, contos, narrativas que caracterizam um Povo, sua originalidade social e que se transmite de geração em geração.

O folclore é o que liga um Povo ao seu passado, à sua origem histórica.

Isto quer dizer que todos os Povos têm o seu folclore, mesmo os mais avançados tecnicamente. Encontramos por toda a parte no Mundo grupos folclóricos com carácter nacional ou regional. Cada País esforça-se por conservar e transmitir às gerações futuras com toda a sua autenticidade, este património cultural insubstituível, que é o folclore.

«Um Povo sem folclore é um Povo sem história». Na preocupação de conservação do folclore, todas as Nações organizam e conservam grupos de manifestações folclóricas.

Os Estados Unidos, por exemplo, que não são com efeito senão um País de colonização, obstinam-se desesperadamente em constituir um folclore nacional, a reconstituir tudo o que marca a América pré-colonial e colonial.

Numerosas manifestações folclóricas dotadas de valor e reagrupando tribos índias sobreviventes, são organizadas principalmente no Estado do Colorado. Assim são reconstituídas cerimónias e danças «Apaches», «Sioux», etc.

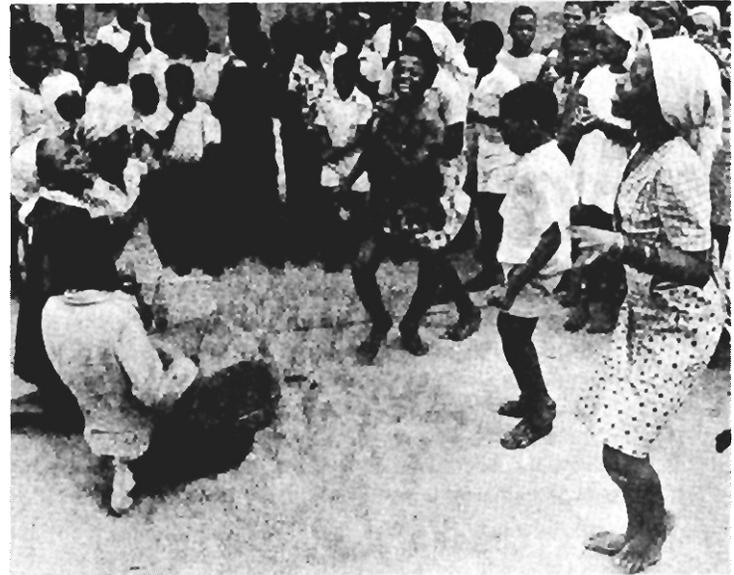
O banjo do período do Farwest torna-se cada vez mais usado.

O culto «Vaudou» está sempre em voga no Brasil. Na Europa de Leste, os grupos folclóricos são numerosos e célebres. Os seus grupos fazem muitas digressões pelo mundo.

É assim, por exemplo, que vimos recentemente no Maputo no dia 5 do corrente, o Grupo de Dança Folclórica Romena Doi na, e muito antes o célebre Grupo das Forças Populares de Libertação de Moçambique, que se apresentou por ocasião das cerimónias comemorativas de 25 de Junho.

O folclore é uma fonte rica de cultura, uma fonte inesgotável onde os escritores, historiadores, sociólogos, geógrafos, musicólogos, pintores, escultores, oradores, coreógrafos, etc., se vão inspirar.

A preservação e a conservação do folclore é, pois, um dever imperioso para todo o Povo que se quer conservar como tal, e uma missão sagrada para os responsáveis do Estado.



As manifestações folclóricas devem ser encorajadas e enquadradas. Os jovens devem aí participar para ser impregnados das realidades culturais do seu País, para serem dignos herdeiros do seu Povo, tal como o está justamente fazendo a Frelimo às massas laboriosas em Moçambique.

Dever-se-ia, igualmente, encorajar e desenvolver a representação em cena, das danças e cerimónias folclóricas. A reconstituição do folclore em cena é um regresso às origens indício feliz dum tomada de consciência, de descolonização mental prescrita e praticada por todo o Estado progressista africano, como o faz em Moçambique, a Frelimo e na Guiné o PDG.

É também um factor importante na formação do novo homem Africano, livre para sempre das sequelas do colonialismo, orgulhoso do que foi, do que se tornou e de pertencer ao seu Povo, cuja cultura não tem nada a invejar aos outros.

Em todos os casos, o folclore permanece a fonte principal das danças modernas e dos ballets em África.

2.º AS DANÇAS TRADICIONAIS

Trata-se de manifestações dançadas, organizadas por ocasião dos acontecimentos importantes da vida das sociedades tradicionais.

São manifestações colectivas reagrupando toda a povoação e até várias povoações duma mesma tribo, duma mesma região.

São muitas vezes cerimónias comportando várias fases ornamentadas com cantos e danças. É no decurso destas danças tradicionais que aparecem as máscaras mais importantes, verdadeiros personagens cujo papel é preponderante aqui.

As danças tradicionais são numerosas e variam segundo os costumes e usos de cada País. Elas têm lugar em ocasiões precisas e repetem-se periodicamente: todos os anos, de cinco em cinco anos, etc.

Elas obedecem a regras pré estabelecidas, a ritos rigorosos, muitas vezes manchados de mito, de misticismo. Têm um carácter ora religioso, ora laico.

- aparição da máscara
- oferta aos deuses — aos manes dos antepassados
- imploração dos deuses da chuva, da abundância
- visita a lugares sagrados.
- cerimónias colectivas por ocasião dos trabalhos de colheita, etc.

Em certos países o nascimento, a iniciação ao casamento, dão igualmente lugar a danças tradicionais.

As danças tradicionais são muitas vezes mal compreendidas e mal interpretadas pelos estrangeiros; e são por vezes objecto de críticas mais ou menos justas. Todavia elas apresentam um grande significado moral, um valor educativo e uma utilidade social incontestáveis.

Por exemplo: o iniciado da floresta sagrada não mentirá nunca! — jamais roubará!

O FUTURO DAS DANÇAS TRADICIONAIS

Posta a questão, resta saber: Que devemos fazer das nossas danças tradicionais na nova África, na África do socialismo?

É preciso condená-las sistematicamente por causa de certos aspectos irracionais das suas manifestações?

Segundo o nosso ponto de vista, isso não seria razoável, mesmo em nome do racionalismo e do materialismo dialéctico.

Elas constituem, em resumo, um património cultural de grande valor e deveríamos extinguir os aspectos negativos, desembrará-las dos mitos irracionais, dos ritos e tabus supérfluos, para os conservar e manter como valor cultural inestimável.

3.º A DANÇA POPULAR

A dança popular que chamamos também «dança folclórica» não tem o carácter solene da dança tradicional. Ela é em geral uma manifestação de alegria com carácter livre e espontâneo, organizada a todo o instante em África. É o célebre «tam-tam» de África em toda a sua beleza.

A volta do tam-tam, toda a comunidade se reencontra comungando pelo ritmo, nas danças e cantos.

A dança popular é uma fonte de grandes criações artísticas populares. Um canto improvisado é retomado por toda a gente, difundido em seguida, na aldeia, na região em todo o País e até além dele. Nasceram assim muitos cantos populares, de autor desconhecido, transmitidos de geração em geração.

É assim que são criados, igualmente, novos passos e estilos de dança. Jovens rivalizam em habilidade, maleabilidade, elegância, etc. Os músicos entregam-se com alegria aos seus instrumentos.



Bailados africanos da Guiné-Conakry.

Em suma, é o tam-tam, que nos arrebatou, a nós africanos, nos entusiasma e nos faz esquecer as preocupações quotidianas.

Mais aí! Existem africanos que «não compreendem» e não sentem o «tam-tam». Estes africanos intitulados «civilizados», cheios de ocidentalismo, que observam com indiferença, senão com desprezo, essas manifestações populares. Eles não têm senão ouvidos para os «tangos», «cha-cha-cha», para os «blues», etc.

A DANÇA POPULAR ORIGEM DA DANÇA MODERNA

A dança popular é um verdadeiro conservatório da música africana. O seu carácter livre favorece todas as criações artísticas e o enriquecimento da música e da dança, o aperfeiçoamento dos instrumentos de música, dos costumes de dança e de teatro.

É também a fonte onde se inspiram os animadores de grupos de ballet, de grupos corais, de orquestras modernas.

As danças populares merecem, pois, toda a atenção dos Responsáveis políticos e da Cultura e a sua organização deve ser mantida, até nas comunidades urbanas.

O Africano que, livremente, e espontaneamente participa na dança popular pode considerar-se como descolonizado, enfim desembaraçado das sequelas da alienação mental de que foi vítima pelo colonialismo.

A PROPÓSITO DOS INSTRUMENTOS DE MÚSICA TRADICIONAIS

Devem-se criar condições para que a juventude aprenda a tocar e fabricar os nossos instrumentos tradicionais, em toda a parte, nas Escolas, em todos os outros centros de formação. Esta luta deve perder todo o carácter de casta, porque qualquer pessoa deveria poder tocar este ou aquele instrumento tradicional. Os interditos neste domínio deviam ser eliminados.

Um perigo ameaça certos Países, é o desaparecimento, a

maior ou menor breve prazo, dos seus instrumentos tradicionais. Os jovens não sabem nem tocar nem fabricar instrumentos. Correm o risco destes desaparecerem com o seu último velho tocador!

4.º A DANÇA MODERNA

Não se pode falar de dança sem abordar o problema da dança moderna em África, esta dança importada, que alguns chamam «dança europeia».

Em realidade, ela não é nem europeia, nem americana, nem asiática; ela seria antes, universal.

Poderíamos dizer de preferência «A dança comercial». É o domínio do «Show business», das vedetas. Lá o aspecto cultural cede o passo e de longe ao aspecto comercial da produção artística.

É entretanto o sector mais «desenvolvido», o mais amplo da dança. Esta forma de dança tornou-se universal. Em todas as «Boites», em todos os dancings do mundo, encontramos a mesma música, os mesmo passos de dança: «Blues», «Pop-music», «Typiques», «Tangos», «Valsas» etc. quer seja na Europa, na América, na Ásia, na África e até nos países árabes...

É uma realidade que não se pode nem negar, nem esquecer. Ela ataca, especialmente, as gerações jovens.

A dança moderna é também um sector capaz de desempenhar um papel cultural importante: a valorização, o desenvolvimento e a difusão em grande escala da música e da dança nacional — o aperfeiçoamento, a expansão dos instrumentos de música tradicionais pela sua integração nas orquestras modernas.

Este sector merece pois ser tomado em mão pelos Responsáveis, a todos os níveis. Ele deve ser organizado e controlado de modo metódico e consequente. Posta ao serviço do Povo, a dança moderna é também um meio não descurável do pensamento da ideologia, um meio de contacto e de sensibilização dos homens, portanto, de educação e de mobilização do Povo.

É uma questão de conteúdo do reportório.

Os artistas deste sector devem ser encorajados e orientados para a criação, a partir do património nacional, organizados de modo a que participem numa maneira militante no renovamento cultural do seu País.

Certos países africanos compreenderam esta necessidade e serviram-se dos músicos de orquestras modernas para fazer deles «Artistas do Povo». Os resultados não se fizeram esperar, porque as orquestras apoderaram-se do folclore nacional e fizeram cantos e danças que estão hoje em voga, não somente no plano nacional, mas também em toda a África e para além dela.

As suas estações de Rádio difundem música nacional em mais de 50% de seu programa musical.

Os artistas, mesmo militantes, são difíceis de organizar e isso é verdade principalmente para os músicos. É preciso fazer provas de paciência a seu respeito e numa certa brandura para os conduzir, pouco a pouco, para os nossos objectivos e integrá-los na acção revolucionária. São peças preciosas do nosso armamento na luta sobre a frente cultural, acabamos sempre por interessá-los e integrá-los no processo revolucionário. São homens, filhos do País, capazes de compreender o interesse superior do seu Povo e de fazer militância, neste sentido. É uma questão de educação.

5.º A DANÇA ESPECTÁCULO

Depois do acesso à independência da maioria dos países colonizados, desenvolve-se em África uma nova forma de manifestação da dança: a apresentação em cena — ballet. O que é novo, digamo-lo imediatamente, não é o espectáculo em si, porque houve sempre ballets em África desde o período pré

colonial; o que é novo, é o lugar de representação: a cena, o palco numa sala de espectáculos.

Esta forma de apresentação da dança é uma necessária adaptação à realidade material do nosso tempo.

Definição: O ballet, por definição é uma história dançada. A palavra vem do italiano «Balletto» que quer dizer: dança figurada, executada por várias pessoas. É uma peça de teatro dançada. Uma história contada sob a forma de expressão corporal

Trata-se de exprimir pelo gesto, movimento, uma sensação, um pensamento. Esta experiência executada por uma só pessoa, é a dança, simplesmente. O ballet nasce do momento em que várias pessoas executam em conjunto, simultaneamente, uma série de danças e de movimentos ordenados de maneira estética.

A forma de apresentação do ballet varia segundo a natureza da cultura que representa.

Em África, podemos encontrar 3 géneros de ballet:

- a) O ballet folclórico
- b) O ballet descritivo
- c) O ballet com enredo

a) O BALLETT FOLCLÓRICO

Trata-se da representação sobre cena duma sucessão de danças tiradas do folclore, executadas como na aldeia.

Fazem-se arranjos e adaptações à dimensão da cena.

Estas danças são agradáveis para ver, mas muitas vezes não tem significado para o espectador não informado.

É, portanto, importante de as fazer preceder ou seguir de comentários, breves, mas precisos, a fim de guiar o espectador. Exemplo: Os grupos moçambicanos e romenos, de que falamos já.

O ballet folclórico, é, em suma, a fase primária do ballet e que não necessita de grandes esforços artísticos da parte do mestre de ballet.

As suas qualidades essenciais são:

- A autenticidade
- A originalidade
- A beleza da execução.

Deve evitar-se torná-lo longo; com efeito, a repetição prolongada dos passos e das figuras conduzem à monotonia que fatiga o espectador e diminui o seu interesse e a sua receptibilidade.

b) O BALLETT DESCRITIVO

É um género de documentário dançado. Reconstitui sobre cena uma cerimónia tradicional ou outra, uma actividade social de que apresenta as fases sucessivas por meio de cantos, danças, gestos e movimentos diversos.

Este género de ballet pede um grande esforço de arranjos coreográficos e musicais. É preciso procurar, seleccionar e montar, numa ordem lógica e estética, cantos e passos de dança tirados do folclore nacional, tudo integrado numa coreografia harmoniosa e viva.

É lá que o mestre de ballet, o encenador, põe em destaque os seus dons artísticos e os seus conhecimentos técnicos. Conhecimentos que se adquirem graças à formação e experiência prática junto das massas.

A qualidade fundamental do ballet descritivo reside no valor educativo: isto é, o pensamento que exprime e a maneira de o fazer compreender ao espectador. Não tem necessidade de ser comentado.

A sua qualidade artística será a harmonia e a coerência do conjunto do corpo de baile, a rápida sucessão das fases de danças e a beleza dos quadros, cenários, fatos e acessórios.

Aqui, igualmente, devem evitar-se as extensões inúteis. Trata-se de sugerir e não de explicar.

c) O BALLET COM ENREDO

Apresenta uma história completa, incluindo um enredo. Conta uma narrativa de que se vê a introdução, o desenvolvimento e a conclusão; tudo expresso através da dança e da música.

É uma obra artística de alto nível técnico e de grande valor cultural. É acessível a todos os espectadores, mesmo os menos esclarecidos.

É pois um meio eficaz, porque é agradável de difundir a cultura nacional, o pensamento e a ideologia.

O assunto pode ser tirado do folclore ou de obras literárias.

Existem no mundo grandes formações artísticas que se tornaram célebres no género do ballet. Podemos citar:

«Os Bailados Bolchoi» da União Soviética e «Os bailados Africanos» da República da Guiné.

Estes dois grupos fizeram já a volta ao mundo inteiro e atraem sempre multidões de espectadores.

O ballet africano criou e difundiu um estilo africano de ballet com tema: a reconstituição dos palcos da vida africana em cena.

Este género de ballet associa de maneira harmoniosa e colorida, cantos, danças, gestos, mímica, música instrumental em quadros brilhantes de ritmo e de encanto artístico. Uma verdadeira magia.

Este estilo permite uma grande variedade de movimentos e de danças que mantêm o espectador na expectativa todo o espectáculo. E o pano desce no momento em que ele menos espera, de tal modo, que tem sempre desejos de o rever.

Este género de ballet exige:

- 1.º Uma procura séria no folclore, em todo o património cultural: obras literárias e outras.
- 2.º Um sério trabalho de arranjo coreográfico, musical e dramático.
- 3.º O recrutamento de artistas dotados e disponíveis e sobretudo disciplinados.
- 4.º Um enquadramento competente e inteligente, de bons técnicos e de bons dirigentes de homens e também de militantes engajados e esclarecidos, porque se trata dum país revolucionário, fiéis à linha política do seu Partido.

CONCLUSÃO

Evitámos abordar aqui os aspectos especificamente técnicos. Achamos, com efeito, que não é ocasião para o fazer, esperando que a ocasião nos seja proporcionada para discutir com os responsáveis na formação de quadros de grupos artísticos no Maputo, assim como nas Províncias.

Depois deste breve percurso sobre a dança no nosso Continente, podemos concluir que a África é rica e muito rica neste

domínio. Podemos e devemos fazer da dança um meio de emancipação do homem africano, um meio de comunicação do Povo, com outros Povos.

Os Responsáveis africanos devem criar condições de desenvolvimento e de extensão das nossas danças tradicionais, folclóricas, etc.

É importante notar que uma grande tomada de consciência neste domínio, teve lugar em toda a África.

Todos os Estados independentes, qualquer que seja o seu regime político, preconizam a reabilitação da nossa cultura e o desenvolvimento das artes populares.

Fazem disso prova, sobre o plano continental:

O Canto cultural da África, em Addis-Abeba em Julho de 76
O Manifesto Cultural de Alger adoptado em 1969, no primeiro Festival Pan-Africano.

As resoluções do Colóquio de Lagos aquando da Festac 77 em Janeiro de 1977.

E sobre o plano particular de Moçambique

As possibilidades são grandes em matéria de arte e de cultura em geral, de dança e de música em particular.

Por diversas ocasiões, constatámos que o Povo moçambicano resistiu vitoriosamente a 5 séculos de dominação cultural. O Presidente Samora Machel disse em Inhambane, alguns dias antes da proclamação da República Popular de Moçambique. «A cultura é o Sol que nunca desce»

Os artistas dos Ballets africanos da República da Guiné que percorreram Moçambique em Junho e Julho de 1976 regressaram a Conakry maravilhados pela riqueza cultural autenticamente africana conservada pelo Povo moçambicano.

Em Lagos (Nigéria) no Festac 77 os guineenses assistiram à apresentação do Grupo de Danças da Delegação da República Popular de Moçambique, especialmente no «Tagawa Baleova Square». Ficámos agradavelmente surpreendidos pela qualidade e a beleza do espectáculo e sobretudo pela autenticidade e a originalidade dos cantos e danças.

Quando nós, que viemos aqui, no quadro da cooperação fraternal entre os nossos dois Povos, o que nós tivemos ocasião de ver no decurso de 3 meses, convenceu-nos das grandes potencialidades artísticas do vosso belo País.

Com efeito, os cantos são numerosos e agradáveis, a polifonia é espontânea, as danças são ricas e variadas.

O mais interessante é constatar que arte popular africana interessou a juventude moçambicana, incluindo a das escolas.

O programa artístico de duas horas apresentado pela Direcção Nacional de Cultura, em 25 de Junho de 1977, no Teatro Manuel Rodrigues, por ocasião do 15.º Aniversário da Frelimo e do 2.º ano da República Popular de Moçambique, deixa entrever um grande futuro no domínio da arte dramática em geral e da dança em particular.